

# Educação física na *Revista do Ensino* de Minas Gerais (1925-1935)

organizar o ensino, formar o professorado

*Tarcísio Mauro Vago\**

## Resumo:

O artigo trata da presença da educação física na *Revista do Ensino* de Minas Gerais, no período 1925-1935. A produção e circulação desse periódico, a partir de 1925, foi de importância central para a conformação do campo escolar em Minas Gerais. Assim, tornou-se um suporte e uma condição para a organização da educação física, constituindo estratégia tanto para a sua difusão como para a formação do professorado para assumir a responsabilidade por ela. A revista contribuiu então para uma “virada” ocorrida nesse período na educação física, fazendo circular novas representações sobre suas finalidades e prescrevendo práticas para compor seu programa, sintonizando-a com as novas exigências da vida moderna.

*EDUCAÇÃO FÍSICA; GINÁSTICA; ESCOLA; HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO; HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

---

\* Doutor em educação (história e historiografia da educação) pela Universidade de São Paulo (USP); professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG.

# Physical education in the *Magazine of Teaching of* Minas Gerais (1925-1935)

to organize teaching, to form teachers

*Tarcísio Mauro Vago\**

## Abstract:

The article deals with the presence of physical education in the *Revista do Ensino de Minas Gerais (Magazine of Teaching of Minas Gerais)*, in the period 1925-1935. Its publication and circulation, from 1925 on, played a central role in the shaping of the schooling in Minas Gerais. This way, it became a support to and a condition for the organization of physical education, becoming a strategy not only for its diffusion, but also for the formation of future teachers. The magazine contributed to the shift that took place in the period, putting into motion the new representations of its aims, and also prescribing practices as part of the program, tuning it in to the new demands of modern life.

*PHYSICAL EDUCATION; GYMNASTICS; SCHOOL; PHYSICAL EDUCATION HISTORY; HISTORY OF EDUCATION*

---

\* Doutor em educação (história e historiografia da educação) pela Universidade de São Paulo (USP); professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG.

## Apresentação

O paulatino enraizamento escolar da educação física nas escolas mineiras foi fertilizado nas décadas seguintes à reforma de ensino primário de 1906, que trouxe como principal novidade o advento dos Grupos Escolares, para os quais novos programas de ensino foram prescritos. De fato, o mesmo movimento de constituição de uma nova cultura escolar em Minas Gerais, no início do século XX, promoveu também a escolarização da então chamada “cadeira de Exercícios Physicos”. A reforma manteve a obrigatoriedade de sua realização, prescreveu para ela um programa de ensino, com os objetivos pretendidos, destinou tempo, previu espaços, enfim, cuidou para que fosse inserida nas escolas.

Em outro trabalho (Vago, 2002) procurei mostrar que esse enraizamento da educação física nas escolas de Minas Gerais, nas primeiras décadas do século XX, deu-se pelo primado da correção, do endireitamento e da constituição dos corpos de crianças – isto é, como uma prática ortopédica<sup>1</sup>, cuja melhor tradução aparece no relatório que a diretora Ignacia F. Guimarães, do Grupo Escolar Henrique Diniz, de Belo Horizonte, apresentou ao secretário do Interior, ao final do ano de 1915. Registrando o trabalho realizado em seu grupo, escreveu: “os resultados desses exercícios foram excellentes. Alumnos que, a principio, apresentavam posição incorreta e andar desgracioso, corrigiram-se em pouco tempo” (Secretaria do Interior, 1916, SI 3597).

A ortopedia que a ginástica realizaria nesses corpos empenados seria conseguida por meio dos exercícios incluídos no programa: marchas militares, exercícios calistênicos e séries de exercícios baseadas no método sueco de ginástica. Com eles, visava-se a “aquisição do poder e do sentido de uma boa atitude normal” (Marinho, s.d., p. 180). Crianças dispostas por filas e colunas, como que em “ordem unida”. Não havia

---

1. Estou aqui incorporando a proposição de Marta Carvalho da “metáfora da disciplina como ortopedia” para compreender “as práticas discursivas e institucionais que, no Brasil do final do século XIX até, pelo menos, a década de 1920, buscaram legitimação enquanto pedagogia moderna, científica ou experimental” (cf. Carvalho, 1997a).

prescrição de práticas que envolvessem coletivamente as crianças – o destino dos exercícios era localizado e centrado no sujeito individual. Depois de executar as séries de exercícios, as crianças podiam “brincar livremente pelo pátio, sob supervisão do instrutor” (Legislação do Ensino de Minas Gerais, decreto n. 1960, de 30 de setembro de 1906).

Daquele trabalho restou evidenciado que da presença da educação física na escola esperava-se uma intervenção ortopédica nos corpos de crianças levados a frequentar os Grupos Escolares, provenientes de extratos socialmente empobrecidos: desempená-los e colocá-los em “posição erecta e varonil” (Barbosa, 1882, p. 132) como deveria ser a postura de um cidadão republicano.

Ocorre que esse movimento de inserção da educação física nos Grupos Escolares de Minas Gerais (tendo Belo Horizonte como referência) foi também marcado por impasses e precariedades. Inexistência de espaços físicos conforme previsto na legislação; reduzida (e até mesmo desconsiderada) participação na distribuição dos tempos escolares; secundarização de seu ensino em relação a outras cadeiras do programa; dúvidas entre sua obrigatoriedade ou facultatividade; professoras sentindo-se despreparadas e sem condições de ensinar, e mesmo a sua ausência das práticas escolares: esses são exemplos das circunstâncias em que seu ensino esteve envolvido nos primeiros momentos de sua inserção escolar na capital. São precariedades como essas que levaram o diretor da Escola Normal Modelo da Capital, Arthur Joviano, a afirmar em 1916, uma década após a reforma de ensino de 1906, que a “gymnastica” não passava de “letra morta” do programa.

Assim, passados 10 anos desde a reforma de 1906, a presença da educação física nas escolas mineiras experimenta esse contraste: ao mesmo tempo considerada fundamental para o “desenvolvimento físico” das crianças – para a produção de corpos portadores dos atributos republicanos – e tida como “letra morta” do programa. Contraste que leva a interrogar seus desdobramentos na década de 1920. Esse período traz novidades para o ensino de educação física?

Há indicações para uma resposta positiva. Entre elas, as iniciativas do governo mineiro, das quais se destacam: a produção e circulação da *Revista do Ensino* (a partir de 1925), a realização do I Congresso de

Instrução Primária de Minas Gerais (em 1927); a reforma do ensino primário e do ensino normal (também em 1927) e a criação da Inspeção de educação física (em 1928). Iniciativas como essas produziram circunstâncias inéditas para o ensino de educação física, com desdobramentos importantes para sua afirmação nas escolas mineiras, merecendo por isso investigações específicas. Preliminarmente, pode-se dizer que a década de 1920 foi um momento de “virada” na história escolar da educação física, tornando-se, por conseguinte, um período fundamental para a compreensão de seu enraizamento nas escolas de Minas Gerais.

Neste trabalho, tratarei mais detidamente da circulação da *Revista do Ensino* de Minas Gerais, periódico de importância central para a conformação do campo escolar do estado, especialmente após o advento do ideário da Escola Nova (com a reforma de 1927). Em que medida ela teria contribuído para uma reconfiguração do ensino de educação física?

Tentarei mostrar que a *Revista do Ensino* de Minas Gerais foi de central importância tanto para a organização do ensino de educação física como também, e ao mesmo tempo, de formação do professorado para assumir a responsabilidade por ele. Com efeito, ela foi um suporte e uma condição para a organização do ensino de educação física. Aqui, é necessário interrogar também sobre a orientação que a revista imprimia a esse ensino, naquele momento. Penso que esteja aí uma chave para entender a “virada” ocorrida no ensino de educação física, que se consolida na e a partir da década de 1920, quando um outro primado orientador passa a orientar seu ensino (como será tratado ao longo deste trabalho).

## Sobre a *Revista do Ensino* de Minas Gerais

Trabalhos importantes foram produzidos sobre a *Revista do Ensino* de Minas Gerais, tomando-a como objeto pesquisa<sup>2</sup>. Aqui, apoio-me

---

2. Sobre a *Revista do Ensino* de Minas Gerais remeto para a leitura de importantes trabalhos como os de Borges, 1993; Souza, 2000; Biccias, 2001.

centralmente naquele desenvolvido por Maurilane de Souza Biccass (2001), que propõe a *Revista do Ensino* de Minas Gerais como estratégia de formação de professores no estado, no período de 1925-1940<sup>3</sup>. Em outro trabalho (Biccass, 2005), ela argumenta que

tomar o impresso em sua materialidade implica tratá-lo como objeto cultural que, constitutivamente, guarda as marcas de sua produção e de seus usos. No caso dos impressos de destinação pedagógico-escolar, trata-se, em primeiro lugar, de analisá-los da perspectiva de sua produção, distribuição, como produtos de estratégias pedagógicas e editoriais determinadas [BICCAS, 2005].

Com essa perspectiva é que procuro discutir a presença da educação física em artigos e seções da *Revista do Ensino* de Minas Gerais, depois de apresentar, a seguir, alguns aspectos gerais sobre sua finalidade e circulação.

A *Revista do Ensino* de Minas Gerais foi criada em 1892 no Governo do presidente Affonso Penna, sendo inteiramente reformulada em 1925, na presidência de Fernando Mello Vianna, quando passa a circular mensalmente, pela responsabilidade da Diretoria de Instrução Pública, “destinada a orientar, estimular e informar os funcionários do ensino e os particulares interessados”, como prevê o Regulamento do Ensino (art. 479). A estrutura para ela prevista constava de uma “parte doutrinária”, cujos objetivos eram “dirigir o professorado publico do estado, harmonizando seus esforços”, “pô-lo ao corrente da evolução do ensino primário em todos os seus aspectos” e “publicar-lhe os traba-

- 
3. Cf. Biccass, 2001. A pesquisadora apóia-se no conceito de *estratégia*, tomando-o a Michel de Certeau (1994), e que remete a práticas cujo exercício pressupõe um lugar de poder. Em outro trabalho (Biccass, 2005), ela defende que em uma história dos impressos de destinação escolar, como é o caso da *Revista do Ensino* de Minas Gerais, esse conceito possibilita flagrar “dispositivos de imposição de saberes e normatização de práticas, referidos a lugares de poder determinado: editoras; departamentos governamentais; instituições vinculadas à igreja; iniciativas de reformas educacionais, entre outras analisados como produtos de estratégias determinadas, os materiais impressos deixam ler as marcas de usos prescritivos e de destinatários visados” (Biccass, 2005).

lhos ou extratos destes, quando de evidente interesse didático” (art. 480). Essa parte devia “limitar-se a publicações de pequenos trabalhos de interesse imediato, resumo de obras e artigos extraídos de revistas congeneres, nacionais ou estrangeiras” (art. 481). Além disso, havia também a previsão de uma “parte noticiosa”, destinada a publicar “factos e ocorrências locais, nacionais ou estrangeiras, que possam orientar os funcionários do ensino” e “dados estatísticos relativos á instrucção” e de “actos officiais que interessem aos funcionários do ensino conhecer” (art. 480).

Assim, a *Revista do Ensino* de Minas Gerais constituía um suporte de divulgação da política educacional do governo por todo o estado, como “tentativa de unificação de uma nova organização e administração da rede escolar [...], inspirados na Escola Nova”. Transformou-se num “órgão público de divulgação, orientação e fiscalização das medidas publicas tomadas pelo Estado de Minas” (Biccias, 2005), na área da instrução pública. Nela passam a ser publicados, além de artigos sobre as diversas cadeiras do programa de ensino, leis, decretos e atos officiais, dados estatísticos sobre frequência escolar e expansão do atendimento e, ainda, textos traduzidos de literatura estrangeira, especialmente francesa e americana, acerca da pedagogia Escolanovista.

## Educação física na *Revista do Ensino* de Minas Gerais

Desde seu reaparecimento em 1925, houve na *Revista do Ensino* de Minas Gerais um intenso movimento de formação do professorado para atuar com a “educação physica” nas escolas<sup>4</sup>. Com efeito, foi grande a circulação de artigos na revista que direta ou indiretamente se referiam à educação física, configurando como que uma campanha permanente para a sua inserção e consolidação nas escolas mineiras. Um levantamento de artigos e seções publicados na *Revista do Ensino* de Minas

---

4. Cf. Vago, 1999.

Gerais (do ano 1, 1925, após sua reformulação, ao ano 11, 1935) apontou que, de um universo pesquisado de 121 números<sup>5</sup>, há 61 artigos ou seções destinados à “educação physica”, aí incluindo aqueles dedicados a jogos, à recreação, entre outros, como mostra o Quadro 1, abaixo:

Quadro 1: Artigos da *Revista do Ensino* de Minas Gerais dedicados à educação física (1925-1935)

ANO	NÚMERO	MÊS	ARTIGOS
1925	3	Maio	Jogos menores
	4	Junho	Gymnastica respiratória
	5	Julho	Secção recreativa: jogos physicos na escola
	6	Agosto	Secção recreativa: jogos menores
	7	Setembro	Technica sobre educação physica Gymnastica Secção recreativa: jogos menores
	8	Outubro	Secção recreativa: jogos activos
	9	Dezembro	Para dar um fremito de vida ao ambiente escolar: descrição de alguns jogos interessantes
1926	10	Janeiro	Para fazer a raça forte e energica: methodos de educação physica
	11	Fevereiro	Para fazer a raça forte e enérgica: methodos de educação physica (continuação...)Para dar um fremito de vida ao ambiente escolar (continuação...)
	12	Março	Os jogos nas escolas: horas de alegria e de força para fazer a raça forte e enérgica
	13	Abril	Noções de educação physica, exercicios e jogos
	14	Maio	Noções de educação physica
	15	Junho	A alegria dos recreios: diversos jogos gymnasticos
	16/17	Julho Agosto	Educação physica Pela Belleza da Raça
	19	Dezembro	Educação physica
1927	20	Abril	A gymnastica rythmica, na opinião de uma especialista
	22	Agosto Setembro	Theses do Congresso de Instrução Primaria sobre a hygiene e educação physica
1928	26	Outubro	A nova organização pedagógica. methodos peculiares a cada ensino: educação physica Gymnastica

(continua)

5. Algumas números da revista saíram em uma mesma edição.

(continuação)

	27	Novembro	Pequenos jogos Nomenclatura de Calisthenia
	28	Dezembro	Educação physica: marchas
1929	29	Janeiro	Educação physica: jogos gymnasticos
	30	Fevereiro	Educação physica: sua eficiencia e a professora
	32	Abril	Educação physica: Instrucções baixadas pela Inspectoria Geral da Instrucção
	33	Maio	Educação physica: jogos menoresActividades extra- programma nos Estados Unidos: jogos athleticos
	34	Junho	A educação physica
	35	Julho	Curso de aperfeiçoamento para assistentes technicos do ensino: educação physica A educação physica moderna
	36	Agosto	As principaes actividades instinctivas da creança: o jogo e a imitação
	39	Novembro	Educação physica: Callisthenia
1930	47	Julho	Qual a parte que deve caber á educação physica no ensino primário?
	49	Setembro	Praticabilidade de uma gymnastica electiva nos Grupos Escolares
1931	53/54/55	Janeiro Fevereiro Março	Objetivos na organização e administração da educação física escolar
	56/57/58	Abril Maio Junho	Educação física: ginástica historiada
	59/60/61	Julho Agosto Setembro	Praticabilidade de uma ginástica electiva nos Grupos Escolares A educação física e o sexo feminino Corpo de Leaders
	68/69/70	Abril Maio Junho	Excursão e sua relação com a educação física
1933	83	Março	Programa de ensino da educação física nas Escolas Normais
	96	Novembro	Curso intensivo de educação física
	97	Dezembro	Trabalho sobre educação física
1934	103	Junho	Educação física
	104	Julho	Reunião Annual dos Assistentes: educação physica
	105	Agosto	Curso para professores districtaes e ruraes: educação physica Jogos
	107	Outubro	Importância dos exercicios phisicos
	108	Novembro	Impressões de uma professora de educação physica

(continua)

(continuação)

	109	Dezembro	Jogar ou não jogar.
1935	110	Janeiro	Educação do corpo e educação do espírito Para a ginástica historiada Aspectos da educação: educação moral e physica
	112	Março	A educação physica tratada em Congresso
	114/115	Maio Junho	Educação physica na escola primária
	118	Setembro	Para a gymnastica historiada
	119	Outubro	Decálogo da cultura physica

Fonte: *Revista do Ensino* de Minas Gerais, MG, n. 1 (1925) a n. 121 (1935).

O Quadro 1 mostra a intensa circulação, na *Revista do Ensino* de Minas Gerais, de produções sobre educação física, que incluem objetivos defendidos e autorizados para ela e prescrições de práticas indicadas para realização em suas aulas. São evidências da intenção de fomentar, legitimar e organizar seu ensino, buscando-se para isso incentivar e capacitar o professorado mineiro a assumir tal responsabilidade, oferecendo-lhe ao mesmo tempo suporte teórico, recomendações de natureza metodológica e sugestões de atividades. Em suma: organizar o ensino de educação física e formar o professorado. É então que se pode considerar a *Revista do Ensino* de Minas Gerais como “instituição mediadora” (Carvalho & Nunes, 1993) utilizada pelo governo de Minas para a formação do professorado, também no que diz respeito à educação física. Tal importância é potencializada sabendo-se que não havia então cursos específicos para professores nessa área, sendo que a formação do professorado para ministrá-la estava legada às Escolas Normais então existentes<sup>6</sup>.

Esse argumento será desdobrado a seguir, tomando-se para reflexão alguns artigos e seções da *Revista do Ensino* de Minas Gerais que aparecem no Quadro 1.

6. Cf. a este respeito: Vago, 1997 e 1999. A primeira iniciativa de formação específica do professorado em educação física em Minas Gerais foi a criação do “Curso Intensivo de Educação Física”, promovido pela Inspeção de Educação Física. Essa inspeção foi criada com o decreto n. 7.970-A, de 15 de outubro de 1927, assinado pelo presidente Antônio Carlos e seu secretário do Interior, Francisco Campos,

## Uma campanha pela organização do ensino de educação física

*como deve ser ministrada a Educação  
Physica nas escolas primarias  
Revista do Ensino, setembro  
de 1925, p. 184-186*

A discussão sobre a organização do ensino da educação física que a revista dá a ver foi exemplificada em um artigo posto em circulação logo no primeiro ano de sua circulação, em setembro de 1925 (antes da reforma de ensino de 1927), intitulado “Technica sobre educação physica”<sup>7</sup>, cujo objetivo declarado era o de mostrar ao professorado mineiro “como deve ser ministrada a educação physica nas Escolas Primarias do Estado de Minas”, numa evidente intenção de intervir em sua ação pedagógica. A importância desse artigo deve ser ainda mais acentuada porque ele inaugura uma política específica de orientação do professorado para a inserção e a organização desse componente do programa do ensino primário. A ele seguiram-se outros, como pode-se notar no Quadro 1.

Trata-se de um relatório de estágio realizado por uma comissão de professores(as) de alguns grupos escolares de Belo Horizonte em colégios e estabelecimentos primários da cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, “com fitos de adquirir conhecimentos sobre a educação physica”. E, para que eles não ficassem restritos aos grupos escolares da capital mineira, a revista publicaria aos poucos “a série de jogos e gymnasticas rytthmicas, com o augurio de que serão de real proveito

---

após o I Congresso de Instrução Primária de Minas Gerais (maio de 1927), e apenas um mês antes da reforma do ensino primário. Já neste decreto que a institui prevê-se como uma de suas atribuições “ministrar na Capital um curso especial para formação e aperfeiçoamento do pessoal docente destinado ao ensino de educação physica” (art. 94).

7. REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, ano I, n. 7, p. 184-186, set. 1925. Esse item foi primeiramente trabalhado em um outro artigo, sendo aqui retomado (cf. Vago, 1999).

para todos os nucleos de instrucção em nosso grande estado” (*Revista do Ensino*, setembro de 1925, p. 184-186).

Importante observar que a comissão de professores empregou o termo “educação physica” para designar, de modo restrito, um componente do programa do ensino primário, em substituição paulatina aos termos até então usados, como “exercicios physicos” e “gymnastica” (em Minas Gerais o termo “educação física” para designar a área passou a ser adotado após a reforma do ensino de 1927, consolidando-se ao longo da década de 1930).

Quanto às práticas corporais prescritas para serem realizadas na educação física, a referida comissão indica: “A educação physica em nossas escolas primarias, deve ser ministrada do seguinte modo: compreenderá os exercicios naturaes, respiratorios, suecos, jogos e a gymnastica rytmhica”.

Nessa prescrição, além do método sueco (que já influenciava a configuração dos programas oficiais de “exercicios physicos” em Minas desde pelo menos 1906<sup>8</sup>), aparecem agora práticas corporais presentes no método francês de ginástica.

É importante atentar para os argumentos mobilizados pela comissão para afirmar a necessidade da educação física nas escolas para crianças. E eles são múltiplos: as práticas prescritas eram importantes porque, em conjunto, contribuiriam para o “desenvolvimento do corpo” e, ao mesmo tempo, para sugerir aos alunos “coragem, força, decisão, agilidade e destreza”, além de promover a “harmonia dos movimentos”. Ainda mais, elas serviriam para “corrigir os defeitos de posição”, para “augmentar a força de resistencia, também para “educar o systema nervoso” e “fortificar os orgams da respiração e da circulação”. Eram consideradas educativas pois desenvolviam “o espírito de collectividade e de observação”, tendo também repercussões sobre “a vista, a memoria, a destreza, a habilidade, etc.”. Para coroar, deveriam ser motivo de “alegria e enthusiasmo”.

---

8. Cf. Vago, 2002.

Não por outro motivo, a comissão de professores que visitou o Distrito Federal defendeu a inclusão dessas práticas corporais nas escolas primárias de Minas Gerais na certeza de que elas eram “mais que suficientes para o completo alinhamento das faculdades orgânicas das nossas crianças”. Esperava-se que a educação física nas escolas primárias mineiras fosse capaz de produzir corpos infantis alinhados, e dotados de alguns predicados: força, agilidade, destreza, habilidade, coletividade, harmonia dos movimentos – em outras palavras: dela esperava-se que produzisse corpos eficientes. As novas práticas autorizadas para o seu ensino seriam portadoras de valores próprios aos “tempos modernos”, a que o Estado de Minas Gerais e o país almejavam alcançar. Valores que deveriam ser impressos nos corpos das crianças, desde cedo. A vida moderna exigia. Sinais de um novo primado orientador para a educação física nas escolas.

Além de prescrever essas práticas, a comissão de professores enveredou pelo ensinamento de “como deve ser a aula” de educação física. E iniciou com essa recomendação ao “professor de cultura física”:

É preciso ficar bem patente que o professor de cultura física não tenha em vista “ensinar” gymnastica, nem jogos, para que os alumnos conheçam um numero interminavel de exercicios e memorizem regras de jogos, mas dirigir a classe de maneira que todos os alumnos “praticuem” com regularidade os exercicios e se entreguem aos jogos, com prazer e entusiasmo.

E os alumnos, como deviam praticar tais exercícios?

Os exercicios de gymnastica deve o alumno fazel-os por imitação, procurando se egualar na sua execução ao mestre que, nesse momento, nada mais é que um companheiro mais adestrado, a que estão sujeitas a ordem e a disciplina dos demais.

Esse “companheiro mais adestrado” que as crianças deviam imitar recebeu outras recomendações da comissão: “Não se deve exigir, na sahida dos alumnos para o pateo de gymnastica, uma disciplina rigorosa. Si a aula vae interessar e produzir alegria nas crianças, seria incoherente prival-as da expansão do espirito”.

E ainda: “Uma vez preparados – o pateo, o material e os jogos – por intermedio de um apito, deve-se exigir uma disciplina perfeita. Será, porém, desprezado o velho habito de obrigar os alumnos á posição forçada de ‘braços cruzados’”.

Sobre o transcorrer da aula, propriamente, a comissão prescreveu:

Iniciado o jogo, permitir os gritos de entusiasmo e naturaes, tanto aos contedores, como aos assistentes, tudo, porém, sob o domínio immediato do apito commandante. Exigir dos alumnos o maximo respeito ao dirigente da partida (mestre ou alumno) e a maior cordialidade entre collegas da mesma ou de outra escola.

Ainda sobre o “professor de cultura physica”, a comissão ponderou que ele precisava de alguns predicados, dispensáveis aos professores das demais disciplinas: agilidade, destreza, presença de espírito, boa compleição e, sobretudo, bom humor – este “imprescindível e primordial”, porque “é necessario que o professor, sempre alegre e satisfeito, faça sentir aos discipulos que, durante os exercicios e jogos, também está se divertindo”

A comissão considerou que o ideal seria a existência, em cada escola, de um professor especializado para a prática da “cultura physica”. Mas, na sua inexistência, àquela altura, relativiza esse ideal e apela ao professorado:

Devido ao grande numero de escolas existentes em nosso estado, essa idéa, porém, torna-se irrealizavel. Em compensação, é o professorado bastante dedicado, inteligente e apprehendedor, para que o mestre se transforme em um verdadeiro cultor do desenvolvimento physico dos pequeninos que lhes são confiados.

Em cada professor, um “cultor do desenvolvimento físico dos pequeninos”, representação que se queria largamente difundida nas escolas primárias. Como recomendação final, a comissão prescreve no artigo que uma aula completa de “gymnastica” deveria ter a duração de 30 minutos. Tempo de cultivo dos corpos das crianças.

A publicação desse artigo na *Revista do Ensino* de Minas Gerais, com aprovação e autorização do secretário do Interior, conferiu-lhe aval e legitimidade. Ainda mais significativo é o fato de que as proposições nele contidas foram incorporadas, quase que integralmente, ao texto da reforma do ensino primário conduzida pelo secretário do Interior, Francisco Campos, dois anos mais tarde, em 1927<sup>9</sup>.

Evidencia-se então que a *Revista do Ensino* de Minas Gerais, logo em seu primeiro ano de circulação, apresentava-se como um importante veículo de difusão de conhecimentos considerados necessários para organizar o ensino de educação física, intervindo na formação do professorado.

A mobilização do professorado mineiro para trabalhar com a educação física nas escolas prossegue nos anos seguintes, como indica o Quadro 1. Em dezembro de 1926, uma seção intitulada “Educação Physica” traz, no alto da página, como um convite à leitura, em letras de corpo maior, uma contundente afirmação: “a gymnastica torna o corpo sadio, bello e forte, suggerindo ao espirito força de vontade, energia, coragem, decisão, alegria e cordialidade”. O artigo então inicia-se com uma pergunta: “qual é o fim da gymnastica?”. Uma primeira resposta, sintomaticamente, vem em francês: “Faire des êtres forts”, citando Georges Hebert. Fazer seres fortes. Essa representação-síntese é seguida de uma explicação ao professorado de que a “educação physica em nossas escolas deverá, pois, ser orientada no sentido de melhorar as condições physicas da geração, que se inicia na vida”.

Uma segunda resposta àquela pergunta está expressa em uma esperada contribuição da ginástica para o decorrer da vida escolar: ela deveria ter “por fim fazer com que a criança possa despender com vontade, de futuro, os esforços e energias que outros estudos de ordem mais seria irão requerer da vida adolescente [...]”. Ao ser representada como preparação para conhecimentos de natureza “mais séria”, outro não pode

---

9. Cf. decreto n. 8.094, de 22 de dezembro de 1927, do governo de Minas Gerais, que “Aprova os programas do ensino primário”.

ser o entendimento de que ela não usufrui de uma mesma valoração atribuída às demais disciplinas.

A revista repercute, reforça e amplia representações sobre a educação física na escola, como em 1926<sup>10</sup>, aproximando-a da “hygiene”, à qual deveria estar “intimamente ligada”:

Nossas escolas, que empregam todos os esforços para o desenvolvimento intellectual do alumno, não poderão descuidar de seu desenvolvimento physico. A hygiene e a educação physica devem estar intimamente ligadas, dando em resultado – uma, a saúde, e outra, o poder muscular.

Acrescente-se a isso o título de uma das seções da revista para se ter uma compreensão precisa do que se pretendia com a presença da educação física nas escolas – “Para fazer a raça forte e enérgica”<sup>11</sup>.

A revista está em permanente campanha pela organização da educação física nas escolas mineiras, insistindo em sua necessidade, que estaria “tão bem traduzida no tão citado aforismo ‘Mens sana in corpore sano’”:

A importancia da gymnastica já é um assumpto sobre o qual não pairam duvidas, sendo esta disciplina praticada com intensidade nos paizes adeantados da Europa, assim como nos Estados Unidos da America do Norte.

Se era praticada nos países adiantados, o Brasil não poderia deixar de fazê-lo, sob pena de ficar à margem da história: “Imitemos-lhes, pois, o exemplo, para que um dia possamos competir com os povos mais civilizados”.

Povos mais civilizados praticam ginástica. As crianças incivilizadas do Brasil não teriam chance de competir com elas, com seus corpos raquí-ticos, débeis e tristonhos, segundo as representações que circulavam na revista. O que resulta, então, a necessidade de “fazer a raça forte e energica”.

---

10. *REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS*, Belo Horizonte, ano II, n. 16-17, p. 274-276, jul./ago. 1926.

11. *REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS*, Belo Horizonte, ano II, n. 10, p. 60-62, jan. 1926.

Para tanto, era preciso marchar. E muitas eram as maneiras de marchar: *marcha em caracol*, *marcha asas de moinho*, executadas pelos alunos estando organizados em colunas ou fileiras, sob as vozes de comando: “Marcha em caracol!”, “Contra-marcha”, “Acelerado!”, “Alto”, “Direita... volver! Para a marcha! Preparar! Ordinário! Marcha!”. Após marchar, seguem-se exercícios de ginástica sueca.

Havia também a posição *prima*, “que é a chave da execução de todos os movimentos”. Tal posição era assim descrita na revista:

a cabeça erguida sem constrangimento; o olhar dirigido em linha recta, para a frente; o corpo apumado; os braços pendidos ao longo do corpo, naturalmente, com as palmas das mãos voltadas um pouco para deante; o peito dilatado, sem esforço visível; o ventre retraído; os calcanhares unidos, e as pontas dos pés naturalmente apartadas.

E o artigo indica essa posição-chave porque só “o facto unico de manter esta posição exerce um salutar effeito de correcção no porte, e constitue de per si um exercicio racional, deveras util”.

“Correcção no porte”. Endireitamento dos corpos. A representação de corpo que a revista faz circular e que professores deveriam se esforçar para materializar é a de um corpo racional, útil, de porte ereto, militarizado. (Registre-se que a legislação do ensino mineiro de então previa a contratação de um “instructor militar” para lecionar nas Escolas Normais, mas somente para os homens – futuros professores de crianças nas escolas primárias.)

“Qual a parte que deve caber á educação physica no ensino primario?”

Em sua campanha pela organização do ensino de educação física , a revista também abre espaço para a participação de professoras que atuavam em escolas. Em julho de 1930 (n. 47), a revista circula com uma pergunta estampada: “Qual a parte que deve caber á educação physica no ensino primario?”.

Duas professoras é que respondem: Elza Ferraz Koeler e Maria de Vasconcellos Pinto. É importante deter-se um pouco em suas argumentações.

O texto da professora Elza Ferraz Koeler é uma reprodução fiel (pode-se dizer que é uma cópia) das proposições contidas naquele relatório da comissão de professores mineiros que foram ao Rio de Janeiro conhecer o que se fazia nos Grupos Escolares a respeito da educação física, publicado cinco anos antes, em setembro de 1925, antes tratado. Proposições que de fato foram incorporadas ao texto da Reforma Francisco Campos. Pode-se entender que a sua reprodução em um artigo da revista, três anos após a reforma, é uma maneira de reafirmar as prescrições para o ensino de educação física, reacendendo no professorado mineiro o ânimo para realizá-lo. Tanto mais que, agora, é uma professora que escreve.

Respondendo à pergunta, ela escreve que “a parte que deve caber á educação physica no ensino primário são os exercicios fisicos”. Ela cita Herbert Spencer, exatamente o mesmo fragmento contido na Reforma Francisco Campos: “O corpo e o espirito devem ser objeto da mesma solicidade, e o corpo humano deve ser desenvolvido todo inteiro” (p. 70). E defende a idéia, também fielmente retirada da reforma, de que

Para a juventude crescer sã, forte, vigorosa e numa harmoniosa perfeição intellectual e physica, é preciso fazer diariamente gymnastica, porque esta robustece o physico, que muitas vezes, enfraquecido, é a causa do enfraquecimento moral.

É patente que se queria muito mais com a ginástica que “robustecer o physico”. É então que ela defende que “a educação physica traz beneficios não só de ordem individual como tambem de ordem social e nacional”. E aponta o objetivo amplo que a escola deve perseguir com a educação física:

Para a educação do corpo, a gymnastica, é, sem duvida, um agente poderoso; concorrendo para seu desenvolvimento, torna-o sadio, bello, e forte, suggerindo ao espirito – força de vontade, energia, coragem, decisão, alegria e cordialidade.

Sadio, belo e forte. Assim se queria o corpo das crianças. Para segui-lo, a professora Elza Koeler defende como finalidade para o ensino de educação física:

A educação *physica* terá por fim desenvolver as grandes funções organicas: respiração, circulação, nutrição, innervação e funcionamento da pelle; – visará educar o *systema nervoso*.

Um corpo reduzido à sua fisiologia. Caberia à educação física adestrá-lo. Questões metodológicas também estavam entre suas preocupações:

A lição de educação *physica* deve ser continuada, isto é, não comportará repouso algum, salvo os exercicios respiratorios. E deve ser alternada, graduada, attrahente, disciplina e adaptada, finalmente, aos meios materiaes de que dispuser o estabelecimento de ensino.

Todas essas características defendidas para uma aula de educação física – influenciadas pelo método francês de ginástica –, estavam na legislação produzida com a Reforma Francisco Campos, agora reafirmadas.

A professora Elza Koeler também reproduz o argumento de que o professor não deve ensinar ginástica para que os alunos memorizem regras, jogos, mas que eles devem praticar com regularidade os exercí-cios físicos, entregando-se aos jogos com prazer e entusiasmo. Esse foi, inclusive, um argumento repetido à exaustão. Afinal, será pela prática de exercí-cios, pela sua repetição diária, e não pela memorização de regras e jogos, que se poderá construir o corpo “sadio, bello e forte”, tão desejado. Praticar o corpo, essa é a regra.

A segunda professora a responder à mesma pergunta da *Revista do Ensino* de Minas Gerais foi Maria de Vasconcelos Pinto. Chamo a atenção à contundência dessa professora quando reforça a representação de que o ensino da educação física deve estar vinculado às questões nacionais: “A educação *physica* forma a base sobre a qual os interesses da nacionalidade têm de apoiar-se. A ella estão subordinados a vitalidade da raça e o progresso do país”.

Vitalidade da raça, progresso do país: razões da existência da educação física na escola. Argumentos centrais que essa professora defenderá, ao longo de seu texto, como se verá a seguir.

A imediata articulação da educação física ao trabalho no campo e nas indústrias aparece fortemente em sua escrita:

Sendo o Brasil um país agrícola por excellencia, com vastos campos e extensas florestas, precisa da energia de seus filhos para intensificar a cultura de seu solo e incentivar o labor em suas officinas. Isto só se conseguirá, porém, através da educação physica, pois o valor de um povo muito depende do seu desenvolvimento physico.

A articulação que ela promove entre o que chama de “valor de um povo” e o seu “desenvolvimento físico” é ampliada com novos argumentos:

O individuo que não cultiva seu corpo jamais terá uma vida sadia: será sempre um ser vencido, sem energia. Só uma mentalidade forte poderá produzir bons fructos. Para a regeneração de nossa raça é mistér que iniciemos muito cedo a educação physica de nossas creanças a partir da escola primaria. É uma disciplina que, pelas suas vantagens, merece cuidado especial do educador.

Regeneração da nossa raça. Daí o “cuidado especial” que ela pedia aos educadores mineiros com o ensino da educação física, que poderia operar o milagre de uma radical transformação do corpo das crianças, como sugere a pergunta da professora: “Quantas vezes não conseguimos, por meio dos exercicios physicos, fazer de uma creança rachitica, debil e tristonha um indivíduo robusto e forte?”.

A professora Maria de Vasconcellos Pinto, por sua vez, ao enfrentar a pergunta proposta pela revista, defende que os exercícios físicos compreendem a ginástica, os desportos e os jogos. É importante perceber e destacar em sua resposta, um movimento de escolarização de esportes e de jogos como práticas prescritas para a educação física (que será tratado adiante).

A professora indica também a ginástica sueca, a alemã, e a de Dalcroze. Segundo ela, a ginástica sueca, por sua “simplicidade e naturalidade” estava, naquela ocasião, conquistando supremacia sobre as outras. Sua presença nas reformas de ensino mineiras data das primeiras décadas do século XX. Curioso é que nas proposições da reforma de 1927, é o método francês que mais parece inspirar as prescrições para a educação física. Mas, de fato, em Minas a ginástica sueca não foi abandonada (Vago, 2002).

Ela também aponta inúmeras vantagens do exercício físico, tal como a de que ele “facilita o desenvolvimento físico, intelectual e moral” dos alunos. Essa tríade, presente na legislação de ensino desde 1906, permanece também nas representações da professora sobre o ensino de educação física.

Algumas indicações metodológicas também são oferecidas e, junto a elas, uma preocupação com a formação profissional daqueles que se responsabilizariam pelo ensino da educação física:

Os exercicios phisicos devem ser feitos ao ar livre, em area espaçosa e nivelada. As aulas não devem ser improvisadas: reclamam preparo previo do profissional. Serão falhos os seus resultados e não raro prejudiciais, si não obedecerem a uma technica especial.

“Preparo prévio”: indício de uma profissionalização do professor de educação física, em curso.

Ainda quanto à questão metodológica, surge no artigo uma hierarquização das práticas corporais a serem oferecidas às crianças: “Os jogos tornam as aulas mais recreativas, estimulam as crianças, mas não devem ter primazia sobre a gymnastica”. A professora afirmava a ginástica como o conteúdo privilegiado da educação física. E se justificava, escrevendo:

No dizer de alguns autores, “a gymnastica formal actua sobre o espirito como agente mechanico. Executada sob commando, em serie e rithmo determinados, aviva a atenção, apressa a obediência e estabiliza as attitudes”. A presteza dos movimentos e a estabilidade das attitudes dão ao menino habitos de regularidades e de ordem, de energia e de firmeza.

Disso se depreende que, para a professora, a prática metódica, analítica, sistemática e organizada dos exercícios de ginástica, parecia mais conforme e adequada do que os jogos destinados àquele objetivo de educar o corpo sadio, belo e forte.

Depois de defender que a necessidade de movimento se manifesta na criança desde o berço e que tal necessidade marca na vida infantil uma fase de desenvolvimento, que evolui com os anos, a professora afirma que obrigá-la à imobilidade “seria um crime”: “e é na escola primária que a criança deve encontrar todos os meios satisfactorios para o seu pleno desenvolvimento [físico]”.

A professora termina seu artigo escrevendo: “de tudo isso resulta, pois, a necessidade da introdução dos exercicios phisicos no programma das escolas primarias”.

Ao referir-se à “necessidade de introdução”, a professora dá a entender que eles ainda não haviam sido introduzidos nos programas das escolas, depois de tantas reformas do ensino decretando a sua inclusão, desde pelo menos 1906.

## “Impressões de uma professora de educação física”

Mais tarde, em outubro de 1934, uma outra professora, Judith Dias de Freitas, de um grupo escolar da cidade de Palma (MG), também publicou na *Revista do Ensino* de Minas Gerais as suas “Impressões de uma professora de educação física”<sup>12</sup>. Ela foi aluna de um Curso Intensivo de Educação Física, realizado na capital em 1933, promovido pela Inspeção de Educação Física (criada em 1927 e vinculada à Secretaria do Interior). Possuía então uma formação para além daquela oferecida pela Escola Normal. Ela escreve sobre as circunstâncias em que organiza o ensino de educação física, as dificuldades e os avanços que obteve:

---

12. *REVISTA DO ENSINO* DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, ano VIII, n. 107, p. 58-59, out. 1934.

Confesso que fiquei um tanto desanimada ao iniciar, neste Grupo, as aulas diárias de gymnastica; mas, depois de muito labor, os exercicios phisicos estão em franco progresso. Vejo que os meus esforços estão sendo coroados de exitos. [...] Ainda prevejo muitas difficuldades..

Tais difficuldades começavam com o espaço físico da escola e incluíam, também, a temperatura ambiente:

Não temos o galpão, e a sombra do predio não é suficiente, porque o calor é intenso. No proximo anno, farei, com o auxilio dos alumnos e dos paes que se interessam pela saude de seus filhos, um appelo ás autoridades locaes e á Inspe-toria de Educação Phisica, a fim de construir o galpão no nosso Grupo Escolar.

A motivação das crianças também foi outro problema enfrentado pela professora. Mas uma prática corporal aparecia como a preferida entre elas:

A principio, quando eu ia buscar os alumnos em suas classes, uns davam muchochos, outros faziam cara feia e afinal davam graças a Deus quando ouviam o sino, que dava por terminada a aula. Mas, no correr dos mezes, conversando e procurando agradar as creanças em tudo, verifiquei com muito interesse que estas gostavam, com muita distincção, dos jogos.

Em função desse interesse das crianças, ela assim organizava as suas aulas:

Comecei então a pôr em prática o que lhes era agradável. Nos primeiros minutinhos dava, após a marcha, um grupo facil de exercicios formais, e o resto do tempo era occupado com jogos, corridas, etc..

Mas, a sua intenção era outra:

Pouco a pouco, fui tomando, sem que as creanças percebessem, mais tempo de gymnastica formal e, hoje, como já disse, sinto em mim alma nova, pois venci, a muito custo, a primeira difficuldade.

Por essa conclusão da professora, pode-se dizer que ela conseguiu impor a ginástica como conteúdo principal da aula, aumentando-lhe o tempo a ela inicialmente destinado e, conseqüentemente, reduzindo o tempo dos jogos, antes bem maior. Essa foi a maneira de envolver as crianças: dar-lhes inicialmente o que elas queriam e gostavam e, com o tempo, levá-las à prática da ginástica formal. Sem que elas percebessem.

Para ilustrar as dificuldades vividas no concreto de uma escola pública de uma cidade do interior, é interessante registrar um relato dessa professora. Em virtude da deficiência de material, a professora queria adquirir bastões para o seu grupo escolar. O preço total de um cento deles seria de 36\$000. A caixa escolar só contava com 10\$000. Ela, então, organizou uma demonstração em praça pública “para incitar não só os alumnos, como seus paes”. O resultado não fica esclarecido, mas a situação é exemplar da distância entre o que prescreve a legislação, as representações que a *Revista do Ensino* de Minas Gerais faz circular e as práticas em um grupo escolar.

Demonstrando que havia incorporado as representações correntes sobre a educação física, que circulavam na própria revista, ela escreve:

Tem constituido o objectivo principal de cada uma das nações ministrar ao seu povo um cultivo intellectual que lhe permita triumphar na arena das sciencias, para elevar o seu paiz e legar á posteridade tradições inesquecíveis. Este objectivo só será alcançado quando a educação physica estiver bem comprehendida, porque, na verdade, uma intelligencia robusta, uma cultura solida, não podem coexistir com uma organização atrophada, rachitica, anemica, do mesmo modo que não se pode exigir um trabalho perfeito de um machinismo deteriorado.

Para ela, os exercícios possuíam um duplo benefício: “recreiam o espirito e robustecem o organismo”. Acreditando nisso, ela esperava que “num futuro não mui longinquo, os exercicios physicos sejam cultivados entre nós com mais carinho”. E, com essa esperança, conclui o seu artigo: “Então, surgirá uma geração mais forte e sadia, e o Brasil se orgulhará de ter filhos que o honrem com sua força e seu saber”.

## Prescrevendo práticas: “Os jogos nas Escolas – Horas de Alegria e de Força”

O Quadro 1 também permite detectar e destacar um intenso movimento de escolarização de jogos, promovido pela revista naquele período. Movimento presente em diferentes seções, cujos títulos já anunciavam o que deles se esperava com sua realização nas escolas primárias: *Seção Recreativa*; *Para dar um fremito de vida ao ambiente escolar*<sup>13</sup>; *Jogos nas Escolas – Horas de Alegria e de Força*<sup>14</sup>; *O encanto do recreio nas Escolas*<sup>15</sup>. Com efeito, era muito comum na revista a prescrição de jogos para serem incluídos no programa de educação física. Mas não somente nessa disciplina, como em outros tempos escolares: importante é que os jogos fossem ensinados às crianças – é então que se torna necessário interrogar o motivo.

Tantos jogos a revista prescreveu: *deck tennis*; grãos de feijão; corrida em carteiras; jogo de balões; bom dia; zig-zig; reinos da natureza; *relay*; estátua; *center stride ball*; *center cath ball*; Jacob e Rachel; jogos quietos; jogos activos; pegar a corda; batalha; passar a bola a cavalo; barra; o veado quer fugir; corrida de círculo; luta montado; tomar a trincheira; empurrar a corda; ida e volta; pega-pega indú; pega-pega montado; bóia cortada; barra; flores ao vento; corrida contrária; pegador; o esquilo; muralha chinesa; jogo chinês; o gato e o rato; viúva; o gato em seu cantinho; gato doente; chicote queimado; trem de ferro; caminho a Jerusalém; pega-pega contrário; *dooge ball*; sacos de feijão; pega-pega avestruz e roubar munições.

Observa-se que o nome de alguns jogos sequer foram traduzidos. Seria a busca de inspiração em um país “mais adiantado”?

Havia também nessa seção a participação de professoras na indicação de jogos, como em seu número 5, de julho de 1925, quando trouxe como tema “Jogos físicos nas escolas”, publicando “jogos menores e

13. REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, ano I, n. 9, p. 269-270, dez. 1925.

14. REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, ano II, n. 12, p. 94-97, mar. 1926.

15. REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, ano II, n. 13, mar. 1926.

corridas”, organizados (ou mesmo inventados) pela professora Maria Bueno, da cidade mineira de Lavras. Sobre a professora e também sobre o conteúdo dos jogos que ela enviara para publicação, a redação da revista escreve:

Conhecendo que educar as potencias intellectuales das creanças, esquecendo-lhes todavia as faculdades organicas seria um trabalho imperfeito e de nenhum resultado para a sociedade, D. Maria Bueno, sobre ter sido talhada a formar o carater e o coração dos jovens educandos, não descurou o seu desenvolvimento physico, promovendo meios no sentido de serem simultaneamente aprimoradas as faculdades organicas e inorganicas dos seus alumnos [*Revista do Ensino* de Minas Gerais, 1925, p. 141].

Com essa representação, a revista legitima as práticas corporais listadas pela professora:

Recommendamos, portanto, em nome do Snr. Secretario, aos dirigentes do ensino, a pratica dos exercicios physicos, cujas instrucções editamos abaixo, scientes de que serão os mesmos de francos exitos no meio escolar [*idem*, *ibidem*].

No número 10 da revista, a seção “Recreativa”, mais condensada, prescrevia a realização de um único “jogo gymnastico”, chamado “corrida, salto e arremesso”. Após a descrição de cada uma dessas três atividades, segue-se a orientação para o jogo. Destaco a orientação sobre a corrida: “é um dos exercicios mais importantes da gymnastica, pois, por si só, constitue um exercicio completo e contribue, naturalmente, para desenvolver as aptidões viris, o que importa fazer adquirir á mocidade”.

Desenvolver as aptidões viris da mocidade, “naturalmente”. Uma representação do que se pretendia com a ginástica (no caso, a corrida), ao que parece para os meninos.

Interessante observar nessa seção uma combinação entre jogo e ginástica, donde o seu nome “jogo gymnastico”. Se o jogo é mais motivante para as crianças, não se pode esquecer da educação do corpo que só a ginástica proporciona. A aproximação entre ambos é, então, benéfica,

pois, “a creança ao mesmo tempo que alegra o espirito, executa alguns dos exercicios naturaes – a carreira, o salto e o arremesso”.

Essa fusão entre jogo e ginástica fica bastante evidente em uma seção “Os jogos nas escolas – horas de alegria e de força”<sup>16</sup>, que também explicita uma tentativa de imposição de um modelo de corporeidade a ser seguida:

A cultura physica aperfeicoa e embelleza o corpo humano. Haja vista a superioridade aristocratica do typy inglez. Na Inglaterra, os jogos escolares é que constituem a gymnastica da mocidade escolar.

Inspirada na “superioridade aristocratica” dos ingleses, a escola deveria operar o milagre da transformação dos corpos das crianças das Minas Gerais. E o fato de os jogos serem, segundo a revista, o conteúdo da “gymnastica da mocidade escolar” da Inglaterra, contribui para explicar a insistente indicação dessas práticas em sucessivas seções, sendo que os nomes sequer foram traduzidos: *deck tennis*, *center cath ball*, por exemplo.

A combinação “jogos gymnasticos” – considerados “a mais natural forma de exercicio” – foi assim defendida: “Nos jogos gymnasticos, cuja orientação vamos dando, a criança vê, não uma disciplina escolar, porém uma derivação de prazer dentro de suas obrigações diuturnas, de valor extraordinário como exercicio physico” (*Revista do Ensino de Minas Gerais*, 1925, p. 269-270). Uma tentativa de juntar prazer e obrigação: jogo e ginástica, que ficará ainda mais explícita no número 19 da revista<sup>17</sup>, de dezembro de 1926: “Aos exercicios de gymnastica, uniformes, faltam a emulação, o attractivo, o interesse que os jogos infantis despertam. E a criança entregue a essa disciplina sente-se feliz, demonstrando intelligencia precoce em suas attitudes”.

---

16. *REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS*, Belo Horizonte, ano II, n. 12, p. 94-97, mar. 1926.

17. *REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS*, Belo Horizonte, ano II, n. 19, p. 387-389, dez. 1926.

Então, esse artigo faz circular uma representação sobre a pretensa superioridade de crianças que praticassem os jogos e a ginástica sobre as que não o fizessem:

As crianças, que se dedicarem aos jogos, terão superioridade, quer physica, quer moral, sobre os companheiros que tenham desprezado essa disciplina. Nem todos podem ser fortes como Hercules, mas todos poderão, si o quizerem, adquirir um desenvolvimento natural – resultado logico de um exercicio physico adrede feito e em regra.

Ora, escrever isso em uma revista autorizada e mantida pelo governo e de circulação estadual era uma forma de instigar professores a ensinar jogos às crianças, procurando convencê-los com o argumento da “superioridade física e moral” de umas crianças sobre outras, advinda dessa prática. Um apelo deveras sintomático para aquele momento.

Com efeito, a escolarização dos jogos foi largamente autorizada na década de 1920 no Estado de Minas e na *Revista do Ensino*, o principal veículo para tanto. Como tratei desse movimento em outra oportunidade, aqui apenas sintetizo o meu entendimento a respeito<sup>18</sup>. Minha hipótese é a de que a escolarização de jogos resulta da articulação da escola às novas exigências daquele momento: prescrevê-los tinha como propósito a pretensão de imprimir eficiência aos corpos das crianças, constituindo um modo de educá-las e prepará-las para as exigências da vida moderna.

É que os jogos trazem uma novidade em relação às marchas e séries de exercícios físicos até então prescritas nos programas de *Gymnastica*. Eles mobilizam coletivamente as crianças na consecução de um fim, de um resultado: nos jogos deve-se atingir uma finalidade e, para isso, são regulados por regras, que devem ser aprendidas, incorporadas (isto é: tornadas corpo), respeitadas e praticadas, ou seja, depois de uma disputa, de uma competição, há uma conquista, uma vitória – enfim, um resultado. Resultado que exige empenho, esforço, dedicação, ou, como

---

18. Cf. Vago, 2004.

no texto da reforma de ensino mineira de 1927: “dextreza”, “habilidade”, “agilidade”, “observação”, e, especialmente, “espírito de coletividade”. Essa socialização que os jogos promoveriam é marcada não por uma solidariedade pela solidariedade. É uma socialização marcada pela eficiência.

São atributos que um país que almejava participar do competitivo mundo industrializado precisaria cultivar. Tornada essencial, a aprendizagem de atributos como esses teve nos Grupos Escolares lugar ideado. Se os corpos das crianças deveriam ser impregnados deles, a ginástica oferecia um campo de possibilidades para esse investimento, o que ajuda a compreender a inclusão dos jogos em seu programa: ela confere importância a eles, que deixam de ser prática difusa e assistemática e tornam-se matéria de ensino, prevista na legislação e com larga difusão na *Revista do Ensino* de Minas Gerais. A articulação da ginástica à pretensão de incutir hábitos do trabalho nas crianças é com isso reforçada. Imprimir eficiência e eficácia aos gestos, aos movimentos corporais das crianças, aos seus corpos – realizar uma economia política dos gestos. Entrando em sintonia com a vida moderna, a educação física passava a ser centralmente orientada pelo primado da eficiência<sup>19</sup>.

## Considerações finais

Com este exercício exploratório aqui realizado procurei evidenciar que a *Revista do Ensino* de Minas Gerais, ao circular entre os(as) professores(as) das escolas de ensino primário de Minas Gerais, constituiu estratégia de fundamental importância para o enraizamento, a organização, a difusão, a conformação e consolidação da educação física nas décadas de 20 e 30 do século XX, na medida em que se tornou voz autorizada e legitimada sobre o que fazer em seu ensino.

Múltiplas foram as representações acerca da educação física afirmadas em diferentes números e seções da revista: foi considerada capaz

---

19. Cf. Vago (2002; 2004).

de promover o “completo alinhamento das faculdades orgânicas das crianças”; deveria constituir a “base sobre a qual os interesses da nacionalidade têm de apoiar-se”; a “ela estão subordinados a vitalidade da raça e o progresso do país”; “a educação física traz benefícios não só de ordem individual como também de ordem social e nacional”. Representações que fazem parte de um movimento de refundar e regenerar os desalinhados corpos das crianças. E para tanto suas páginas continham prescrições de práticas que deviam torná-los não apenas belos, fortes e robustos, como também para fazê-los corpos eficientes, afeiçoados ao mundo do trabalho.

Afinal, lembrando o que escreveu a professora Maria Vasconcelos Pinto, o Brasil era então “um país agrícola por excelência, com vastos campos e extensas florestas” e precisava “da energia de seus filhos para intensificar a cultura de seu solo e incentivar o labor em suas oficinas”. Ela estava convencida de que isso só seria conseguido “através da educação física, pois o valor de um povo muito depende do seu desenvolvimento físico”.

Ora, todo o professorado precisava ser convencido disto, para então organizar e realizar o ensino de educação física nas escolas mineiras. Com o pequeno número de Escolas Normais existentes no estado, e diante da inexistência de Cursos Superiores de Educação Física<sup>20</sup> a *Revista do Ensino* de Minas Gerais foi de fato uma potente ferramenta para atingir o professorado mineiro, convocado para se transformar “em um verdadeiro cultor do desenvolvimento físico dos pequeninos que lhes são confiados”. Mas, para tanto era preciso seguir as recomendações, instruções, prescrições de práticas, enfim, os conhecimentos por ela difundidos e autorizados. Confirma-se, também no âmbito da edu-

---

20. O Estado de Minas Gerais esperaria ainda até 1952 por cursos superiores de educação física. Nesse ano foram abertos dois cursos, um ligado à Polícia Militar de Minas Gerais, mantido pelo governo, e o outro, pelas Faculdades Católicas de Minas Gerais, ligadas à Igreja católica, ambas funcionando na capital. No ano seguinte, houve a fusão desses cursos que originou a Escola de Educação Física de Minas Gerais, mantida financeiramente pelo estado mas sob acadêmica das Faculdades Católicas. Em 1969 esse curso foi federalizado, passando a pertencer desde então à Universidade Federal de Minas Gerais.

cação física, o argumento de Biccass (2001), de que a *Revista do Ensino* de Minas Gerais foi uma estratégia de formação do professorado mobilizada pelo governo mineiro.

Como anotei, penso que a *Revista do Ensino* de Minas Gerais foi imprescindível na “virada” ocorrida nesse período no ensino de educação física, que se consolida na e a partir da década de 1920. Essa virada aponta para uma reconfiguração e ampliação de seu primado orientador: se nas primeiras décadas do século XX ela foi orientada como prática ortopédica (de endireitamento e correção dos corpos), agora, nos “tempos modernos” isso somente não bastava. Além de corrigir e endireitar os corpos infantis, era preciso dotar-lhes também de eficiência – esse novo atributo necessário às novas práticas do mundo do trabalho industrial. Isso exigiu a formação do professorado para assumir a organização de seu ensino sob esse primado da eficiência, em que circulam novas representações sobre suas finalidades e, especialmente, outras práticas corporais passam a fazer parte de seu programa (como é, especialmente, o caso dos jogos).

Ampliar o exercício será necessário, já que a *Revista do Ensino* de Minas Gerais tem vida longa (vai até a década de 1970), e nela muito ainda pode ser encontrado e debatido acerca da presença da educação física nas escolas de Minas Gerais.

## Referências bibliográficas

BARBOSA, R. *Reforma dores, tiempos sociales*. La distribución del tiempo y del trabajo en la enseñanza primaria en España (1838-1936). Barcelona: Anil, 1998.

BICCAS, Maurilane de Souza. *O impresso como estratégia de formação de professores(as) e de conformação do campo escolar em Minas Gerais: o caso da Revista do Ensino (1925-1940)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Impresso pedagógico como objeto e fonte para historiografia em Minas Gerais: o caso da *Revista do Ensino* (1925-1940). In: CONGRESSO MINEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, São João Del Rei, maio 2005. (Palestra)

BORGES, Vera Lúcia Abrão. *A ideologia do caráter nacional da educação em Minas – Revista do Ensino (1925 – 1929)*. 108p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

CARVALHO, Marta M. Chagas; NUNES, Clarice. Historiografia da educação e fontes. *Cadernos ANPED*, Porto Alegre, n. 5, p. 7-64, set. 1993.

\_\_\_\_\_. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997a.

\_\_\_\_\_. História da educação: notas sobre uma questão de fronteiras. *Educação em Revista*. Belo Horizonte: Autêntica/Faculdade de Educação da UFMG, n. 26, p. 5-15, dez. 1997b.

\_\_\_\_\_. *Educação popular e reformas da instrução pública no Brasil na década de 1920*. s.ed.; s.d. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, Faculdade de Educação, fev. 1998.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CHARTIER, Roger. *A história cultural – Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, USP, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991.

\_\_\_\_\_. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro CPDOC, v. 7, n. 13, p. 97-114, 1994.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

ESCOLANO, Augustín; VINÃO FRAGO, Antonio. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Trad. de Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Cultura e práticas escolares: escrita, aluno e corporeidade. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, n. 103, p. 136-149, mar. 1998.

\_\_\_\_\_. *Dos pardieiros aos palácios; cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo: UPF, 2000.

FREITAS, Marcos Cezar (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.

GOELLNER, Silvana V. *O método francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 65-110, 1990.

MARINHO, Inezil Penna. *Sistemas e métodos de educação física*. 6. ed. São Paulo: Papalivros, s./d.

MINAS GERAIS. Coleção de leis e decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1892-1930.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado dos Negócios do Interior. Relatórios do Secretário ao Presidente do Estado. 1898-1918.

NUNES, Clarice. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos problemas. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 6, p. 151-182, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

\_\_\_\_\_. *Imagens da educação no corpo; estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2002.

SOUZA, Rita de Cássia. *A Revista do Ensino e a disciplina escolar em Minas Gerais (1925-1930)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

SOUZA, Rosa de Fátima. Espaço da Educação e da civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil. In: SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares (orgs.). *O legado educacional do século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998a.

\_\_\_\_\_. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998b.

VAGO, Tarcísio Mauro. A escolarização da gymnastica nas escolas normais de Minas Gerais. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). Pesquisa em história da educação física. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos da UFES, v.2, 1997.

\_\_\_\_\_. Estratégias de formação de professores de *gymnastica* em Minas Gerais na década de 1920: produzindo o especialista. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa Histórica em Educação Física*, n. 4, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cultura escolar, cultivo de corpos*: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

\_\_\_\_\_. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a *Gymnastica* e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930). Revista *Movimento*, Escola de Educação Física, UFRGS, v. 10, n. 2, p. 77-97, set./dez. 2004.

VEIGA, Cynthia Greive. *Projetos urbanos e projetos escolares* – aproximação na produção de representações de educação em fins do século XIX. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 1997.

\_\_\_\_\_. *Cidadania e educação na trama da cidade*: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

VIÑAO FRAGO, ANTONIO. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, p. 63-82, set./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. *Tiempos escolares, tiempos sociales*. La distribución del tiempo y del trabajo en la enseñanza primaria en España (1838-1936). Barcelona: Anil, 1998.

Endereço para correspondência

Rua Estanislau Fernandes, 197

Bairro Ouro Preto – Belo Horizonte-MG

CEP 31340-130

tmvago@uai.com.br

Recebido em: 30 jun. 2005

Aprovado em: 26 out. 2005